

A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido

JOÃO ALVES DA CUNHA

Arquitecto

A notícia

1956. 16 horas e 30 minutos do dia 9 de dezembro. As ruas estão engalanadas com bandeiras e galhardetes e atapetadas de hera e buxo. Das janelas pendem colchas e colgaduras, e os sinos tocam a repique, alternando com o rebentar de foguetes e morteiros. À entrada de uma freguesia em festa, encontra-se o Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira para liderar a procissão que o levará à dedicação da nova igreja paroquial.

A aguardar o prelado na Avenida de Moscavide, aglomeram-se as associações religiosas com os seus estandartes, escuteiros católicos, crianças das escolas e várias centenas de pessoas, que rodeiam as entidades oficiais, entre as quais se reconhecem os srs. eng. Félix do Amaral, chefe de gabinete do Ministro das Obras Públicas, dr. Elmano Alves, subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa, tenente Moreira, da Fábrica de Material de Guerra de Beírolas, capitão Oliveira Matta, presidente da Câmara Municipal de Loures, Fernando Lapão, presidente da Junta de Freguesia de Moscavide, os cônegos D. João de Castro e José Amaro Teixeira,

vice-reitor do Seminário dos Olivais e o rev. Armindo dos Santos Duarte, prior da nova paróquia.

Depois dos cumprimentos, o luzido cortejo segue seguro pela guarda de honra formada por bombeiros voluntários de Olivais e Moscavide e sua banda, para o Centro de Assistência Social, na Praceta do Estado da Índia, sendo vivamente aclamado durante todo o percurso pela multidão compacta que enche os passeios. À chegada do préstito, a Columbofilia Esperança efectua uma largada de pombos-correio, dois dos quais carregam flâmulas com as cores de Portugal e da Santa Sé.

No vestíbulo do Centro, decorado com as bandeiras nacional e pontificia, tem lugar uma breve sessão solene de boas-vindas, tendo a palavra em primeiro lugar, o rev. Armindo dos Santos Duarte, que sauda o pontífice e as autoridades presentes, e faz um resumo da história da construção da igreja de Santo António. A terminar, agradece as facilidades concedidas pelas entidades oficiais que deram a sua participação para a construção da nova Casa de Deus.

Segue-lhe o capitão Oliveira Matta, presidente da Câmara Municipal de Loures, que sauda as altas individualidades presentes, e enaltece a gratidão da gente do seu concelho pela concessão de um novo templo. Têm ainda a palavra Virgílio da Silva Leitão, pela Comissão Construtora da Igreja, e Maria Alice Rendeiro Marques, directora do Centro de Assistência Social.

Por último, toma a palavra o sr. Cardeal Patriarca, que começa por lembrar que o Centro Social e o novo templo são duas coisas que se completam, porque o Centro é a realização do programa social que a Igreja prega. Recordando que conhece Moscavide há vinte e sete anos, então quase um lugarejo nos arredores da capital, constata que esta freguesia se tornou uma grande povoação, que “hoje tem tudo ou quase tudo, pois possui uma paróquia, uma família e uma célula do nosso Portugal”. Termina com palavras de agradecimento para as entidades oficiais pela sua presença nas cerimónias e para todos aqueles que realizam o milagre da renovação que está a efectuar-se no nosso País.

Concluída a sessão, o sr. Cardeal Patriarca visita as instalações do Centro Social, onde inaugura a biblioteca paroquial e um aparelho de radioscopia. Regressado ao exterior, sob um pátio, o ilustre prelado paramenta-se, para, na companhia dos alunos do Seminário dos Olivais e antecedido da cruz patriarcal, se dirigir processionalmente para a nova igreja, em cujo largo se encontra uma verdadeira multidão, cantando hinos, e onde de novo se assiste a uma largada de pombos-correio.

Já no adro, e depois da ladainha de todos os santos, o sr. Cardeal Patriarca asperge, com um ramo de murta, os fiéis, e de seguida, o exterior do templo, enquanto o contorna. Terminada a benção das paredes, dirige-se para a entrada da igreja, e com o báculo firme na mão, bate-o no chão.

A porta principal abre-se de par em par, e o prelado entra...

A igreja

A igreja paroquial de Santo António de Moscavide resulta de um gesto significativo e consciente, em prol da renovação da arquitectura religiosa, por parte do Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que encomenda o projecto da igreja ao futuro seminarista e ainda estudante de arquitectura João Medeiros de Almeida, que solicita a colaboração do colega fundador do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa e recém-licenciado arquitecto, António de Freitas Leal, para desenvolver o trabalho.

Esta escolha, que ocorreu em 1953 e daria origem a um edifício de ruptura, único nas suas características na história da arquitectura religiosa portuguesa, é tanto mais significativa quando enquadrada na sequência de inaugurações que o Cardeal Patriarca vinha fazendo das conhecidas igrejas revivalistas de Lisboa – Santo Condestável (14 de Agosto de 1951) e São João de Brito (2 de Outubro de 1955), ambas do arquitecto Vasco Regaleira, e São João de Deus (8 de Março de 1953) do arquitecto António Lino.

Por indicação do Cardeal Patriarca, no início da década de 1950, João de Almeida viajou para Paris a fim de estagiar com os padres dominicanos Marie-Alain Couturier e Pie-Raymond Régamey, directores da famosa revista *Art Sacré*, e depois para a Suíça, onde trabalhou proximamente com o arquitecto Hermann Baur, grande construtor de igrejas no centro da Europa. Daqui traz ele todas as bases conceptuais que formam a igreja de Moscavide, com um especial relevo para a igreja de Todos os Santos, em Basileia, de 1951, na qual trabalhou.

Como consequência, a igreja de Santo António surge como um edifício vinculado ao estilo moderno e essencialmente funcionalista, extremamente sóbrio e recusando qualquer tipo de monumentalidade, numa atitude de grande humildade no que se refere à sua integração urbana.

O seu elemento mais destacado, a torre sineira, equipada com um carilhão de sete sinos, implanta-se isoladamente a alguns metros da fachada da igreja, numa solução que se recorda então, não ser de modo algum novidade, por fazer parte da rica tradição da arquitectura religiosa cristã.

Quanto ao volume da igreja, de marcada influência da arquitectura Suíça Alemã, traduz exteriormente a caracterização litúrgica do espaço interno, procurando simultaneamente responder às exigências da arquitectura meridional no respeitante às aberturas, cor e proporções.

A fachada, que transcreve o desenho das duas águas da cobertura, encontra-se balançada sobre o nível da entrada, correspondendo ao recuo da tribuna-balcão. Este alçado é forrado por um painel de azulejos policromados, não figurativo, da autoria de Manuel Cargaleiro, muito elogiado na época por conseguir *“tirar um efeito surpreendente de cores e matéria rica, mostrando deste modo a possibilidade que grandes painéis de azulejo oferecem quando integrados em exteriores de arquitectura moderna, o que, para nós, tem um significado especial, porquanto se retoma uma tradição antiga com fortes raízes em Portugal”*.

Os restantes panos exteriores são caracterizados pelo contraste acentuado dos revestimentos aplicados, cor branca da tinta-de-água aplicada sobre os elementos estruturais de betão armado, num plano mais recuado que o dos enchimentos, em cavanite cinzenta clara, em perfeita coerência com o princípio seguido pelos autores de lutar pela verdade e autenticidade dos materiais e técnicas construtivas, sem mascaradas nem falsidades.

A entrada na igreja efectua-se por um pórtico composto por três portas, uma central e principal, e duas laterais. Diante destas, já no interior, encontram-se duas esguias, mas bem proporcionadas pias de água benta em granito negro, soltas da parede, enquadradas pela luz coada que penetra das frestas existentes no embasamento da fachada.

A zona de recepção caracteriza-se como um espaço de transição, tensamente marcado pela reduzida altura a que se encontra a superfície inferior da tribuna-balcão, que em plano inclinado, permite o acolhimento de uma centena de fiéis em boas condições de visibilidade. Na parede de fundo da tribuna-balcão, dezenas de pequenos orifícios que intercalam com o painel cerâmico da fachada, trazem para o interior uma luz suave e coada, grande responsável pelo ambiente harmonioso do interior da igreja.

Esta zona é também espaço de contenção de enquadramento do baptistério, numa localização que não foi óbvia para os próprios autores, mas que se

justificou por ser o sacramento do baptismo a porta de entrada na Igreja. A pia baptismal, de granito rosado e cercada por uma grade baixa e muito simples, encontra-se alinhada com o eixo da nave e com o altar, constituindo ponto de partida físico e sacramental do percurso dos fiéis até à mesa da comunhão.

Transposta a tribuna, descobre-se um interior litúrgico com uma concepção inteiramente nova nos jogos dos espaços e da luz, orientado para uma valorização do altar, sendo o primeiro exemplar em Portugal a fazer uso de uma nova tipologia do espaço litúrgico, antes ensaiada na Alemanha, que privilegia a funcionalidade e a proximidade entre os fiéis e o altar.

O altar, centro da igreja, pela intensidade plástica exponenciada com a presença do baldaquino, pela maior concentração luminosa conseguida através da iluminação zenital, pela ligeira sobrelevação do presbitério relativamente às naves circundantes, adquire indiscutivelmente uma posição de relevo e destaque.

Localizado com bastante afastamento da grande parede de fundo apenas forrada a pedra cinzenta sem retábulo ou outros elementos, o altar é abordado pelos fiéis por três lados, aproximando-se destes e chamando-os à participação, para o que contribuía a redução da balaustrada da comunhão a uma simples estrutura em alumínio dourado, eliminando-se ao máximo possível as barreiras entre o altar e os fiéis.

A área litúrgica propriamente dita organiza-se então de um modo cruciforme, distribuindo a assembleia pela nave central e os dois braços do transepto. Do lado direito, a nave comunica directamente com a capela lateral, de reduzido pé-direito, favorecendo uma atmosfera recolhida, adequada à oração privada e à adoração do Santíssimo Sacramento presente no sacrário aqui localizado.

A iconografia reduz-se ao indispensável, de modo a evitar o tradicional excesso de estímulos visuais e consequente desconcentração dos fiéis.

Como indispensável elemento de equilíbrio da composição do presbitério, surge suspenso o baldaquino de cores fortes, contrastando com a superfície neutra do fundo. Da autoria do pintor José Escada, representa a mão direita de Deus, tema recorrente da tradição cristã e mormente da medievo. Este autor realizaria ainda o único vitral existente nesta igreja, na capela lateral, segundo um desenho abstracto intitulado “*Estrela da Manhã*”.

Junto ao presbitério, no lado do Evangelho, encontra-se a imagem em gesso de Santo António, do escultor Lagoa Henriques, que interpretou o

patrono da igreja em volumes fortes e sóbrios. Do mesmo autor é o crucifixo do altar-mor, em bronze, que repete o modelo que tinha realizado poucos anos antes para a capela do Cemitério da Nossa Senhora das Angústias, no Funchal.

Na capela secundária existe um outro crucifixo, do escultor Hélder Baptista. De Graziela Albino é a porta do Sacrário e do próprio João de Almeida, o Sacrário e os castiçais. A paramentaria ficou a cargo de Madalena Cabral, membro destacado do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa e profunda conhecedora da história e actualidade da temática.

Na igreja de Santo António de Moscavide, tudo foi novo, tudo foi objecto de uma renovação profunda. A arquitectura, a arte e a liturgia. Mas como defenderam os arquitectos, se havia ruptura era com os modelos falsos que se vinham copiando, pelo que o que esta igreja fez foi recuperar o modo de ser e de estar posto em prática ao longo de séculos e de estilos na construção de igrejas. Tratou-se, portanto, de uma tentativa de voltar a integrar a arquitectura religiosa na verdadeira corrente de uma tradição milenar, que andava desfigurada.

O resultado final foi uma igreja polémica, com tantos defensores como opositores. Várias pessoas iam propositadamente de Lisboa para lá rezar, e seminaristas como Henrique de Noronha Galvão ou João Andrade Peres pediam para ser ali ordenados, preferindo Santo António de Moscavide à Sé Patriarcal de Lisboa. Não mais se poderia negar o vento novo que soprava no ar, nem o Espírito renascido que levaria a Igreja ao Concílio. Os umbrais da renovação estavam levantados.

... criticada...

O artigo “*Notas sobre a igreja paroquial de Moscavide*”, publicado no número de Maio de 1957 do Boletim do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa (nº 2, 1ª Série), não esconde: foi grande a controvérsia em torno da recém-inaugurada igreja de Santo António. As críticas surgiram dos mais variados quadrantes, e várias são as opiniões que podemos recolher em diferentes fontes, num importante e significativo registo do argumentativo pró e contra, comprovando o mérito interpelativo desta igreja, que não deixou ninguém morno ou indiferente.

As primeiras palavras de defesa que encontramos são as do pároco local, o P. Armindo dos Santos Duarte, que no nº 10 (Ano II) do boletim paroquial *“Ecos de Moscavide”*, datado de 30 de Novembro de 1956, começa por escrever – *“quem prescutou a opinião dos paroquianos a respeito da nova Igreja, desde que o projecto foi apresentado até ao dia de hoje, notou que as apreciações tinham sido diversas”*.

Faz, de seguida, um breve juízo sobre o seu aspecto – *“a nova igreja, sendo embora essencialmente igual às antigas, é diferente delas, do mesmo modo que os prédios que a rodeiam são diferentes dos antigos”* – para depois se alongar na exaltação da funcionalidade litúrgica da mesma – *“ela foi construída para ser a casa da comunidade cristã, que se reúne em volta do altar. É surpreendente ver a simplicidade e ao mesmo tempo seriedade com que os arquitectos conseguiram realizar esta ideia. A convergência das três naves para o altar sem quebrar a unidade da assembleia, o aproveitamento total do coro, o facto quase único nas igrejas novas de se poder ver o altar de todos os cantos, numa palavra a satisfação plena das exigências da liturgia”*.

Termina como pároco agradecido e conivente com a nova igreja – *“Demos graças a Deus por ter premiado todo o nosso esforço e sacrifício com uma igreja ao mesmo tempo tão simples e tão bela”*.

Outros párocos manifestaram-se igualmente a favor da igreja, mantendo o seu parecer essencialmente centrado nas questões litúrgicas e teológicas. Numa colecção de depoimentos, publicada no suplemento *“Letras e Artes”*, do jornal *“Novidades”*, no dia 7 de Abril de 1957 (nº 12, Ano XX), o P. José da Felicidade Alves, então pároco de Belém, arranca dizendo *“agrada-me o espaço interior da igreja de Moscavide”*.

Destaca o altar – *“formoso e digno na sua austera simplicidade, desprendido da parede, isolado e iluminado – é o ponto de convergência espontâneo de quantos entram ali, como é o centro do mistério litúrgico. Não há por detrás do altar impertinentes pinturas a solicitar as atenções e a introduzir elementos heterogéneos no espírito dos assistentes”*, e defende a pia baptismal – *“à entrada da igreja e na mesma linha axial do altar, foi uma tentativa audaz. Mas é eloquente tese de teologia e serve para uma catequese mistagógica: não é o baptismo a porta da Igreja?”*.

No mesmo jornal, num artigo de grande desenvolvimento, o P. José Ferreira, professor de liturgia do Seminário dos Olivais e íntimo colaborador do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, prolonga-se na descrição e defesa do espaço interior da igreja de Moscavide.

“Igreja moderna, porque feita em nossos dias, e mais ainda porque imaginada e realizada segundo critérios de nossos dias, desperta naturalmente a atenção de todo o que para ela olha e sobretudo de todo o que nela entra. E porquê? Justamente porque é moderna, porque se encontra ali um conjunto de valores que não é habitual encontrarem-se em toda e qualquer igreja. (...) Queremos referir-nos em especial ao aproveitamento e distribuição do espaço interno, à luz dos princípios teológico-litúrgicos”.

O maior elogio recai, por consequência, na dualidade da organização espacial, orientada para a valorização do altar e relação deste com os fiéis. *“A igreja reparte-se por dois espaços bem diferenciados e ao mesmo tempo profundamente conjugados um no outro: o santuário e o lugar dos fiéis. (...) Numa palavra, procurou-se que fossem observados estes dois princípios, cuja união é reconquista do nosso tempo: nem separação que distancia e leva ao mútuo desinteresse entre a hierarquia oficiante e o povo cristão, nem aproximação desordenada, diríamos espécie de democratização da liturgia”.*

Neste conjunto, o altar ganha novamente honras de destaque – *“o altar fica-lhe bem no meio, na eloquência forte do granito róseo, e na singeleza das suas linhas”*, mas também recebe elogios a parede de fundo – *“este espaço ganha ainda em nobreza, com o belo muro de fundo, de simplicidade, diríamos, tão aristocrática”.*

Já a localização do baptistério pressente-se como matéria delicada e potencialmente controversa, que necessita de rigorosa análise e credibilizada aprovação – *“o baptistério alinha simetricamente com o altar, no eixo da igreja, logo em frente à porta principal. Solução ousada, talvez, mas não impensada nem sem justificação. Com isto se quis afirmar um daqueles princípios para os quais só a teologia e a liturgia podem dar argumentos. O baptismo é o sacramento da iniciação cristã, a porta de entrada na comunidade eclesial. A posição do baptistério fica sendo a expressão plástica desta doutrina fundamental”.*

E adiante continua – *“O baptistério de Moscavide do ponto de vista doutrinal, pode integrar-se dentro da doutrina tradicional e representa solução positiva na organização do espaço, digna de notar-se. Pode a alguns parecer obstáculo, mas é precisamente isso que, dalgum modo, convém que seja: obstáculo, algo que se oferece pela frente, para que ao passar ao lado da fonte, (...) o cristão se dê conta e se lembre da extraordinária graça que, no seu baptismo, o fez filho de Deus e membro da Igreja!”.*

Antes de terminar, faz uma única e curta referência à apresentação arquitectónica da igreja – *“o aspecto exterior pode parecer à primeira vista menos acolhedor”*, a qual denota uma menor receptividade por parte deste pároco da limitada expressividade do funcionalismo moderno.

Mas ao encerrar, retoma o tom elogioso, com uma conclusão própria de um mestre de liturgia, a que acresce um remate profético – *“o espaço interno, tanto pela maneira como foi organizado, como pelo ambiente que a cada parte se criou, deu em resultado uma igreja absolutamente determinada pelas exigências da liturgia que ali se há-de fazer”*.

Em moldes semelhantes se compôs o extenso texto do então ainda seminarista Avelino Rodrigues, publicado em Abril de 1957, no nº 141 (Ano XV) da revista *Novellae Olivarum*, do Seminário dos Olivais, intitulado *“Arquitectura e Liturgia: a propósito da igreja de Moscavide”*.

Neste documento, chama a atenção a rasgada apreciação carregada de emoção dada ao ambiente que se vive no interior da igreja – *“Logo de entrada o fiel atravessa um espaço de transição (...) à medida que avança, mergulha naquele volume interior, que, pela atmosfera de paz e silêncio, produz na alma a sensação de tranquilidade e leveza que a projecta para fora de si mesma e cria o estado de recolhimento onde as almas se podem encontrar”*.

E continua com o apaixonado elogio – *“Aqui há beleza estética na harmonia e proporção dos volumes, no ritmo das estruturas, na simplicidade da ornamentação: é a delicada sustentação do tecto; a harmónica ligação das naves entre si e com a capela lateral; a leveza da tribuna quando vista do corpo da igreja; e uma atmosfera de exultação impossível de precisar. E que dizer da estética das formas? A beleza grandiosa do altar e do baptistério, a finura do traçado dos pilares, a delicadeza e magestade de Santo António”*.

Mas como nos textos anteriores, o nomeado ponto forte da igreja é o primado dado à centralidade do altar e sua proximidade à comunidade – *“é sobretudo pela concepção do espaço que se garante a comunhão da assembleia entre si e com o altar. Ele é realmente o centro vital da igreja e o lugar em que se juntam as atenções de todos os fiéis. Aqui está, sem dúvida, o grande valor da igreja de Moscavide: espaço profundamente comunitário centrado no altar”*.

E a exaltação do altar, *“nobre, simples, belo”*, prolonga-se – *“Em Moscavide tudo concorre para fazer do altar o centro vital da igreja: a organização convergente da planta, o ritmo das estruturas em direcção ao altar. o estudo da luz, mais intensa no Santuário e mais atenuada no corpo da igreja”*.

E destaca-se como tudo se lhe subordina - “*Já que tudo para ele se orienta, tudo o que pudesse atenuar-lhe o relevo, se evitou. Assim, deixou-se livre a parede do fundo (...) a iconografia existente foi colocada em segundo plano, também para não diminuir a primazia do altar (...) reduziu-se a balaustrada da comunhão (...) reduziu-se também a forma dos ambões a um apontamento esquemático - o que não parece tão conforme à sua dignidade*”.

E surge aqui o primeiro de vários apontamentos que vão manifestar notas de desagrado ou discordância com algumas das opções dos arquitectos. Outro se lhe segue de imediato - “*Só há um elemento que pode desviar a vista do altar. Refiro-me aos candeeiros (...) pois o branco dá-lhes um relevo que eles não merecem e faz distrair*”.

Valor contrário, de apreço, é dado ao baldaquino - “*Foi atendendo à dignidade do altar que se colocou, por cima, um esplêndido baldaquino suspenso do tecto, com rica composição*”. Mas “*merece especial referência a posição inclinada do balcão, que já levou espíritos pouco abertos a dizer que a igreja parecia um cinema. Observação nada razoável e pasmosamente superficial*”. Pela primeira vez, surge a crítica da crítica.

Nota claramente negativa percebe-se atribuída ao exterior da igreja, não pela sua modernidade, mas pela descontextualização cultural da mesma - “*E que dizer do volume externo? Aqui nota-se talvez pouco domínio da forma que deriva do volume interior, sem a preocupação de agradar aos olhos. Talvez falta de unidade e tensão em demasia. Funcionalismo excessivo? Mas não pode negar-se a magestosa dignidade sem ostentação, aliada a certa humildade sem negligência - características também do interior mas aqui mais evidentes. (...)*

Em todo o caso, as formas exteriores são talvez demasiado desincarnadas e sem enquadramento no ambiente de Moscavide. (...) falta à igreja de Moscavide um pouco de «cor local». Mas não se trata de sacrificar ao folclórico e muito menos ao mau gosto. (...) No meio da péssima arquitectura de Moscavide, tão cheia de pretensões burguesas como falta de valores vivos, o exterior desta igreja é uma tenaz afirmação de pureza, de simplicidade, de verdade, que merece todo o nosso apoio e arrasta a nossa simpatia”.

A concluir, Avelino Rodrigues mostra uma grande cumplicidade com o seu professor ao procurar um registo final notoriamente positivo - “*Não queremos negar as pequenas falhas desta igreja e procurámos apontá-las ao longo do estudo. (...) Mas estes reparos não tiram aos arquitectos o mérito de te-*

rem acertado no essencial e de chamarem a atenção para os problemas que tentaram resolver. De todas as igrejas que, nas últimas décadas se ergueram em Portugal, esta é talvez a primeira ao mesmo tempo igreja e moderna”.

No pólo oposto encontramos no nº 5 (Ano 4), de 1957, da revista litúrgica do Mosteiro de Singeverga, “*Ora et Labora*”, o parecer totalmente negativo do beneditino Dom M. Martin, habitual colaborador desta publicação na temática da arte sacra.

No seu artigo intitulado “*A propósito duma igreja moderna*”, não mostra qualquer condescendência para com a nova igreja de Santo António, arrasando-a na quase totalidade das linhas que escreve. No entanto, esta não é o seu único alvo, podendo-se contar também várias farpas lançadas ao texto de Avelino Rodrigues.

Começando pelo exterior – “*A fachada da igreja nada tem de «...grandioso»*”. A. Rodrigues dizia “*Fachada grandiosa, de bela proporção de volumes e boa diversidade de cambiantes, sem fugir às cores calmas e serenes*” ... M. Martin opina pelo contrário – “*Falta-lhe unidade, cortada como está em duas partes. (...) parte central, sem pórtico, reentrante, entrada frontal existente, mas sem nada a indicá-la, portas laterais dum falso átrio – tudo isto dá a impressão duma entrada de cinema. Impressão desagradável, não há dúvida*».

E nem o painel cerâmico de Manuel Cargaleiro se salva – “*A parte superior, avançada para a frente em toda a superfície. À primeira vista, dá a ideia duma parede toda de vidro. Na realidade, é uma composição de azulejos azuis e brancos, dispostos de maneira a deixar uns orifícios quadrados que dão passagem à luz para o interior. (...) À primeira impressão, sentimos certa dificuldade em afastar a ideia dum grande «atelier»*”.

No interior, a rejeição continua, começando pelo baptistério – “*Qual não foi a nossa surpresa, ao esbarrar com o baptistério em frente da coxia central, na penumbra da tribuna que o cobre. Baptistério? Uma bela pia, assente num círculo em nível mais baixo, mas tão franzina, que não dá de maneira nenhuma a ideia duma piscina. (...) Porquê, numa igreja católica, esta inovação? Existe uma tradição: a do baptistério. (...) Será que não se deva ligar importância a estas coisas?*”.

A avaliação negativa seguinte trata da parede de fundo – “*rectângulo também quase quadrado, é enorme. Sai fora do ângulo visual, cujo foco se encontra demasiado perto, dando-nos assim a impressão de parede provisória duma igreja mais comprida que estivesse ainda em construção e de que se tivesse*

aproveitado temporariamente o corpo da frente. Esta parede domina pelas suas dimensões e pela monotonia que a realça duma forma obsediente“.

O altar – *“pequeno bloco piramidal, truncado, falso «cipo» a servir de suporte a uma mesa; altar esbelto, bem proporcionado, mas muito mesquinho, ali naquele sítio, e de cor apagada. (...) sem o baldaquino, está claro que desapareceria. Mas, por seu lado, este baldaquino não passa duma pobre pala, posta a uma altura indecisa, espécie de tela invertida, sem caixilho, inclinada para trás para deixar ver um símbolo nela pintado, suspensa por fios pretensamente invisíveis».*

Também *“a balaustrada é demasiado leve. (...) Não se pode esquecer que a balaustrada se deve manter como «separação» necessária, hoje demasiado esquecida, entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica“.*

E os ambões – *“reduziram-se a esqueletos. (...) reduzi-lo a estante de regente de orquestra, é cair no exagero. (...) Se a posição do leitor inteiramente à vista não é coisa que incomode, incomoda, sim, a ele e aos ouvintes-espectadores, no caso da homilia e sobretudo do sermão. A não ser sobre a tribuna duma arena eleitoral, não se fala com facilidade e à vontade sem uma barra de apoio que facilite o gesto e concentre a atenção no busto e rosto do orador”.*

Concluindo, como *“a única coisa que se vê é a parede”*, M. Martin, osb, avança com três propostas de correcção de toda a zona do presbitério, apesar de não ter *“de modo algum a pretensão de nos substituir aos arquitectos, senhores da obra”*. O que se passa é que *“O caminho escolhido oferecia possibilidades de melhor realização. Seja-nos permitido exprimir o desejo de modificações corajosas, para bem desta obra, para bem duma igreja que está ainda por acabar”*.

A tónica de desagrado prolonga-se pelas restantes linhas. Um dos motivos de orgulho dos arquitectos é desprezado – *“na parte inferior da tribuna ou coro alto (...) deixaram-se à mostra os sinais da «cofragem» do betão. Elementos de verdade? Não nos parece, além de que não são nada decorativos. A arte decorativa é algo diferente do trabalho de empreiteiro...”*.

E a atmosfera geral da igreja também não é poupada – *“A luz, apesar dum lindo dia de sol, não era feliz: o azul, o branco, o cinzento, o amarelo demasiado pálido, criam uma atmosfera fria”*.

No entanto, toda esta contínua crítica negativa não surpreenderá o leitor do texto, pois que, logo de início, foi avisado do preconceito latente no seu autor – *“Quando me falam num igreja «moderna», ocorre-me ao pensa-*

mento, de há um quarto de século para cá, nem sei porquê, o aforismo dum velho cónego muito distinto por quem tenho a maior estima: «Arte moderna?... Caixote com buracos!»...

Mas, como se disse, a inauguração da igreja de Santo António de Moscavide não deixou ninguém indiferente, pelo que os artigos de opinião não se resumem aos escritos por membros do clero. Vários leigos viram as suas críticas publicadas, se bem que abordando mais superficialmente a temática teológico-litúrgica, para se dedicarem mais profundamente às questões artísticas e arquitectónicas suscitadas pela nova igreja.

Assim sucede no artigo apresentado no Diário Ilustrado, no dia 15 de Janeiro de 1957, intitulado “*A nova igreja de Moscavide*”. O seu autor, que assina apenas com as iniciais S.P., começa por valorizar “*a primeira obra de arquitectura religiosa autenticamente moderna erguida em Portugal*”, por surgir num ambiente cultural que prima pela “*não existência, entre nós, de uma arquitectura religiosa que traduza a realidade dos nossos dias*”, mas pelo contrário, onde são “*construídas entre nós, as igrejas de S. João de Brito, de Nun’Álvares e outras, de costas voltadas ao novo espírito, que devia abolir todo o fingimento – cimento a fingir de pedra, por exemplo – e devia restaurar a importância do altar-mor, centro das atenções dos fiéis, centro da vida de uma igreja*”.

De acordo com estes valores e com as “*instruções das autoridades eclesiásticas responsáveis, e de acordo com a autêntica arte dos nossos dias, se colocaram os arquitectos Freitas Leal e João de Almeida*”, que obedeceram, por exemplo, “*ao princípio de abolição do fingimento, chegando-se ao detalhe de não disfarçar as marcas da cofragem de madeira*”.

Mas nem tudo são elogios – “*Atingiram plenamente os seus fins - salvo, ao que nos parece, na colaboração artística (...) Esta peca por defeito de se mostrar mais dada por «encomenda» dos arquitectos, depois de concebido o projecto, do que em trabalho de equipa, na fase de criação. (...) não percebemos que a estátua de Santo António, patrono da igreja, tenha sido posta fora do altar-mor, contra a tradição portuguesa (...) Também não concordamos com o baldaquino, resolvido como se se tratasse de um cartão para vitral (...) nem com o simples arranjo geométrico dos azulejos, em vez de uma composição não figurativa*”.

Apesar destes reparos, o texto termina como começa, ou seja, com um elogio inequívoco – “*deve assinalar-se esta nova obra como um testemunho da nossa capacidade, e como a primeira experiência séria da arte religiosa moderna em Portugal*”.

Na atrás referida colecção de depoimentos do dia 7 de Abril de 1957, publicada no suplemento “*Letras e Artes*”, do jornal “*Novidades*”, mais três opiniões encontramos, importantes pela sua seriedade e honestidade.

O Dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga, nas suas breves linhas considera que “*A igreja de Moscavide é uma agradável e séria promessa que podia ter maior significado se tivessem sido aproveitadas as extensas superfícies de parede para convincentes coberturas pictoriais*”, pelo que não corresponde ainda à “*solução da igreja moderna adequada ao fim superior a que ela se destina*”.

Já o professor Vitorino Nemésio, então director da Faculdade de Letras de Lisboa, escreve um artigo intitulado “*Formas sinceras*”, “*como os pilares que conservam o tosco moldado da cofragem do cimento armado e os vigamentos brutos, vigorosos – naturais sucessores da cruzaria de abóbada e outros antigos remates tectónicos que a construção rotineira e de simulacro costuma imitar ou fingir «gótico», etc. – provam um critério técnico e uma inspiração construtiva verdadeiramente vivos e justos*”.

Lembrando que “*o seu dispositivo interno perfeitamente adaptado às necessidades do culto – o que quer dizer liturgicamente rigoroso – é de uma simplicidade harmoniosa e viva*”, destaca, do seu interior, o altar, a parede de fundo e o coro alto. Para Vitorino Nemésio, a nova igreja de Moscavide representa, assim, “*um grande passo no sentido da reconquista da autenticidade expressiva e da adequação funcional da arquitectura entre nós*”.

Também para o arquitecto Sebastião Formosinho Sanchez, “*Deu-se, claramente, um grande passo*”. Num parecer conduzido segundo critérios próprios da arquitectura, aponta que “*Em Moscavide, os elementos de ordem construtiva estão bem patentes e fazem-me recordar, com saudade, a sinceridade construtiva dos templos românicos e góticos*”.

É com convicção que afirma, portanto, que “*Abandona-se, aqui, aquela tão triste «arqueologia» de algumas das mais recentes igrejas do país. (...) Repele-se assim, e Deus permita que para sempre, aquela inexplicável «sede» de barroquismo e de neoclassicismo, tão em desacordo com a posição intelectual, económica e social própria do Mundo de hoje. A verdade construtiva volta, de novo, à superfície da arquitectura religiosa em Portugal*”.

Mas apesar de afirmar que esta obra “*faz-me pensar que a arquitectura religiosa em Portugal parece estar a ser conduzida num sentido verdadeiramente actual*”, concretiza uma avaliação mais realista, que considera que

esta igreja, apesar de ter “*qualidades indiscutíveis*”, não pode “*citar-se como obra excepcional*”.

Dalguns meses depois, data a importante análise crítica do arquitecto Nuno Portas, publicada no nº 60 da revista *Arquitectura*, em Outubro de 1957. Na introdução do seu texto, lembra-nos que “*A ressonância da igreja situada nos arredores de Lisboa fez-se sentir imediatamente: a sua realização arquitectónica, com efeito, propunha polemicamente, pela primeira vez determinadas experiências litúrgicas (altar avançado, rodeado por fiéis por três lados, baptistério no eixo da igreja, balcão largamente desenvolvido, abandono de toda a iconografia supérflua) através de uma linguagem plástica igualmente assente numa funcionalidade permanente de intenções*”.

E destaca – “*a planta em três braços largos e pouco extensos reflecte a preocupação de manter uma proximidade grande dos fiéis em relação ao altar (...) Também a localização do baptistério (...) envolve uma proposta interessante de acentuação da sua importância litúrgica, embora se ressentia da falta de um espaço próprio, tratado com diferente intenção psicológica*”.

Mas o principal objecto de interesse de Nuno Portas é a “*proposta de resolução arquitectónica*” e é em relação a ela que procura “*deixar alguns pontos de debate*”. Começa, então, por afirmar que “*se obteve na igreja um espaço geral, apenas diferenciado sobre a zona do altar*”, resultando na “*ausência de qualquer direcção dominante e, com ela, de qualquer tensão ou dialéctica de espaços. (...) A principal consequência (...) é a acentuação da importância dos elementos em detrimento da riqueza do espaço*”. Aqui está aqui, para Nuno Portas, a grande falta desta igreja.

Este princípio estruturalístico “*hoje assimilado mas também ultrapassado*”, limita a noção do espaço interno e a organização da planta livre, “*entendida não como a liberdade de pensar para cada função uma mensagem espacial própria, mas como a limitação de ter de encaixar cada parte dentro do invólucro pré-concebido*”. Daqui resulta a aridez figurativa, a frieza psicológica e a carência de tensão espacial.

Num pequeno aparte, classifica a igreja de Moscavide como “*notável no que respeita à escala, sensibilidade no pormenor ou organização litúrgica*”. Mas lembra que esta arquitectura provém da experiência católica suíça, pelo que fica em falta “*repensar uma reorganização radical dos problemas da igreja, (...) em termos de ambiente, sensibilidade, cultura portuguesa*”.

... e justificada

Todos sentimos a atmosfera tensa de expectativa que rodeou a construção da igreja paroquial de Moscavide. Os paroquianos tinham olhado com inquietação as primeiras imagens apresentadas – perspectivas desenhadas, que, como sempre sucede, traíam a intenção dos autores. À medida porém que a igreja subia, dissipava-se essa inquietação, dando lugar a uma corrente sempre crescente de simpatia.

Mas sabemos que não se desfizeram todas as dúvidas e que enquanto muitos há que, gostando, não sabem porque gostam, outros, atingidos nos seus preconceitos acerca do que deve ser uma igreja, retraem-se e esperam que lhes sejam dadas razões. Em suma: porquê uma igreja assim tão diferente de todas as outras que conhecemos? É a esta pergunta que julgo oportuno dar uma breve resposta.

Ao ser projectada a igreja de Moscavide não houve a preocupação de fazer uma obra «diferente» no sentido habitual de «novidade pela novidade». Procurou fazer-se uma igreja grande para um aglomerado populoso, sóbria para uma população de poucos recursos, moderna para as exigências actuais do culto, de acordo com a sensibilidade de hoje.

Quanto às suas dimensões, ninguém tem nada a dizer. A lotação da igreja é de cerca de 1100 pessoas distribuídas do seguinte modo: sentadas, 398 na nave e transepto, e 116 no coro, e cerca de 600 pessoas em pé.

O mesmo não acontece em relação à sobriedade da igreja. Muitos interpretam este despojamento como pobreza. Mas será necessário fazer-se a distinção entre pobreza-carência e pobreza-sobriedade. Em Moscavide, apesar do baixo custo da obra, os materiais nela utilizados estão dentro do sentido de uma verdadeira economia, isto é, procurou-se ordenar os materiais de acordo com as suas características específicas de modo a poderem realizar o que lhes é pedido para uma valoração hierárquica do espaço.

Também na mesma linha está a acusação que vulgarmente lhe é feita de carência de imaginária, ou melhor, de no seu conjunto ser uma igreja despida de elementos figurativos, quer de pintura quer de escultura, atitude aliás - dizem - comum a toda a arquitectura moderna. Se é certa que esta está a atravessar um período de ascese consciente, não é menos verdade que actualmente se tenta encontrar uma linguagem artística para os nossos dias, o que obriga naturalmente a reduzir ao essencial os elementos dessa mesma linguagem, em virtude de as gerações anteriores nos terem legado uma arte onde os elementos de expressão, já saturados, perderam o seu poder de comunicabilidade.

A igreja de Moscavide, se é moderna, é-o em virtude das novas exigências que se põem hoje ao arquitecto que enfrenta a tarefa de construir uma igreja. Exigências de três ordens – da técnica, da liturgia, da arte –, todas necessárias para uma boa e sã arquitectura.

Como resolver com economia e consequentemente por meio dos processos técnicos mais adequados o problema de um grande edificio público para uma comunidade pobre? São novos os processos construtivos. Temos hoje o betão, e a sua utilização impõe-se como a mais prática e a mais económica. Aqueles materiais que a natureza vos oferece terão sempre o seu lugar num edificio moderno, mas esse lugar é diferente, já não pilares e travejamentos, mas revestimentos, elementos de decoração e equipamento, por vezes elementos estruturais independentes da estrutura geral de betão. E desta utilização podem sair enobrecidos.

A igreja de Moscavide mostra disso alguns exemplos: a grande parede do fundo, as paredes de ângulo da fachada, os elementos de culto – altares, fonte baptismal, pias de água benta. E não só a pedra é assim valorizada, mas também o betão, por sua vez aplicado em toda a sua pureza – pilares rigorosamente calculados para um mínimo de espessura e um máximo de eficiência, vigas que não se envergonham de estar presentes, lages que se projectam ousadamente no espaço. Tudo isto, na medida em que é lógico e simples e sem artificios, é também económico.

Se a técnica exige novas soluções, mais o exigem ainda as transformações sofridas pelo espírito litúrgico nos últimos decénios. Como conceber um edificio, cuja função é reunir o povo de Deus para a celebração da liturgia e que deve exprimir no seu plano e no seu espaço as realidades dessa mesma liturgia? O povo aprendeu a tomar parte activa na celebração do Sacrifício Eucarístico. Congregação em volta do altar, ele quer ver, ouvir, dialogar com o celebrante.

O plano da igreja tem de ser apropriado a esta participação activa da assembleia – visibilidade perfeita, proximidade do altar, supressões de todas as barreiras. Eis porque a igreja de Moscavide é larga e pouco profunda, dispondo toda a assembleia familiarmente em redor da Mesa do Sacrifício e do Banquete Eucarístico. Tudo o que poderia estorvar a total concentração do espaço sagrado sobre ela – altares laterais, estátuas, confessionários – foi cuidadosamente afastado.

E um elemento de importância primordial na criação do espaço interior – a luz – foi chamado a sublinhar esta mesma concentração. Mais intensa sobre o altar do que sobre a assembleia, jorrando da grande abertura junto ao tecto,

no alto do santuário, tem ela um duplo valor: o de dar relevo ao altar e o de símbolo, pois que «Deus é luz» segundo S. João e o próprio Jesus Cristo se afirmou «a luz do mundo».

Finalmente, exigências novas da arte. Como concretizar as exigências anteriores em formas belas e verdadeiras, capazes de satisfazer a sensibilidade de homens do séc. XX? A arte é manifestação da vida. Não pode regressar ao passado. Como se compreenderia que o homem dos nossos dias, habituado ao automóvel, ao avião, a todas as novas formas da indústria, criasse para si edifícios semelhantes àqueles que há dois séculos erguia o homem da caleche e dos punhos de renda?

Porque não procurar, a exemplo de todas as grandes épocas do passado que souberam tirar do condicionamento da vida os seus estilos próprios, usarmos também nós uma linguagem do nosso tempo – nova, porque são novas as condições – para exprimir as mesmas perenes verdades e aspirações do homem?

Para tal, foi necessário utilizar uma experiência válida da arquitectura religiosa moderna, mas como essa experiência não poderia ser portuguesa por não a possuímos, houve que recorrer ao fecundo exemplo da Suíça Alemã. Naturalmente, transparece nesta obra um certo clima nórdico, mas o mesmo tem sucedido com os nossos melhores exemplos de arquitectura de outros tempos (Batalha, Alcobaça, Jerónimos, S. Vicente, etc.) o que não pode ser considerado inédito, nem humilhante. Assim como os homens se realizam recebendo e assimilando influências dos outros, a arquitectura - expressão humana - realiza-se dentro do mesmo processo. A igreja de Santo António de Moscavide não quis abdicar deste direito.

E se esta igreja provocou uma onda de indignação em certos meios cristãos (clero e fiéis) e mesmo não cristãos, o que é absolutamente natural e justo, não devemos contudo desconhecer a maneira entusiástica como foi recebida noutros meios, também cristãos. Estas atitudes à primeira vista desconcertantes, porque opostas, revelam o sintoma de uma etapa da reeducação do povo cristão que se está realizando no domínio da piedade cristã e paralelamente, como consequência, na própria linguagem artística.

Para os seus autores, esta realização teve o mérito de ter permitido um esforço sério que constitui uma tentativa que, embora não isenta de imperfeições - reconhecemos humildemente os defeitos, cremos encontrar algumas qualidades -, permite num esforço continuado ultrapassar uma fase primária da arquitectura nacional, da qual ela também é reflexo. Portanto, podemos dizer, a igreja

de Moscavide não é um termo mas o princípio dum esforço de recondução da arquitectura religiosa moderna a um estágio que lhe permita um verdadeiro encontro com a nossa mentalidade de hoje.

O caminho não percorrido

Como atrás ficou referido, e a crítica bem o frisou, a igreja de Santo António de Moscavide surge em 1956, nos arredores de Lisboa, como obra assumidamente importada da Suíça Alemã, por intermédio do estudante de arquitectura e seminarista João de Almeida.

Durante o seu estágio no atelier do arquitecto suíço Hermann Baur, no início da década de 1950, João de Almeida teve a oportunidade de contactar directamente com a viva renovação da arquitectura religiosa que se desenrolava intensamente naquele tempo e naquela zona da Europa. O que viu e ouviu não tinha paralelo em Portugal.

Por cá, o tempo era de exaltação e inaugurações das monumentais igrejas revivalistas em Lisboa – Santo Condestável (1951) e São João de Deus (1953). O MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa, de que João de Almeida seria membro-fundador, ainda demorava – o seu passo embrionário, a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, realizar-se-ia apenas em Abril de 1953. E o movimento litúrgico português, depois de duas décadas promissoras – 1920/30 – pelas mãos, não as únicas, de D. António Coelho, osb, e de Mons. Pereira dos Reis, estava moribundo, ou como nos relata a revista *Ora et Labora*, no artigo “*Ecos do Movimento Litúrgico*”, publicado no nº1 (Ano 6) de 1959 – “*Na altura de fazermos o balanço do «movimento litúrgico» referente ao ano de 1958, ocorre perguntar: existe em Portugal verdadeiramente um «movimento litúrgico» ou «litúrgico-pastoral»? A resposta a esta pergunta, infelizmente, parece ter de ser esta: não existe, morreu!*”.

Perante este cenário naturalmente desanimador, é compreensível que a dinâmica apaixonada vivida na Suíça e Alemanha tenha contagiado o jovem estudante João de Almeida, o que o leva, com naturalidade, a que, quando regressado a Portugal e é incumbido de projectar a futura igreja paroquial de Moscavide, recorra aos exemplos suíço-germânicos cuja fundamentação aprovou e assimilou.

Da igreja de Todos os Santos, na cidade de Basileia, da autoria do arquitecto H. Baur, e inaugurada em 1951, traz o ambiente litúrgico. Tendo participado neste projecto, conhecia-o de modo particular, pelo que as recorrências se multiplicam – desde o ambiente geral da igreja à sobriedade da parede de fundo, à expressão plástica do baldaquino ou ao desenho da pia baptismal.

Esta atmosfera nova em Portugal que surge em Moscavide, caracterizada por um espaço funcional simples e sóbrio, apenas pontuado por alguns elementos de elevado e rigoroso valor artístico, que faz da luz e da restrita mas cuidada selecção de materiais, os elementos fundamentais na criação de um ambiente de paz e harmonia, livre de tensões visuais, ganhou indiscutivelmente seguidores.

Várias são as igrejas em Portugal, que nas décadas de 1960 e 70 vão adoptar este princípio, em busca de “*pureza no traçado, verdade construtiva, pobreza de materiais e de formas, paz interior*”, para usar palavras do arquitecto Luíz Cunha, sendo o exemplo mais famoso a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, dos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

O mesmo não pode ser afirmado relativamente à organização do espaço litúrgico da igreja de Santo António de Moscavide, e é esse caminho não percorrido que nos interessa agora destacar.

A respeito deste item, João de Almeida muda de referência. Já não utiliza a disposição tradicional da igreja de Todos os Santos, de planta rectangular e organização da assembleia segundo um modelo do tipo processional, para seguir as “*Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana*”, oficialmente promulgadas pela Conferência Episcopal de Fulda (Alemanha), e publicadas em Portugal, por intermédio de João de Almeida, em Janeiro de 1955, no nº 121 (Ano XIII) da revista *Novellae Olivarum*, que as republica quatro anos mais tarde, em Julho de 1959, no nº 162 (Ano XVI).

Este documento, redigido pelo Dr. Theodor Klauser, da Universidade de Bona, a pedido e com a colaboração da Comissão Litúrgica presidida pelos bispos de Mainz e Passau, na qualidade de relatores litúrgicos da Conferência Episcopal de Fulda, foi realizado com base nas respostas recebidas de todos os bispos da Alemanha a um questionário que lhes fora previamente enviado.

A versão final só foi fixada em 1953, após numerosas reuniões da Comissão Litúrgica, de que faziam parte, além dos dois bispos como presidentes, o professor Romano Guardini, de Munique, o Dr. Johannes Wagner, director do Instituto Litúrgico de Trier, os oratorianos Dr. Kahlefeld e Gulden, os beneditinos Theodor Bogler da Abadia de Maria Laach e Damasus Zahringer da Abadia de Beuron, o professor Schnitzler, do Seminário Maior de Colónia-Bensberg, e o Monsenhor Wolker, secretário-geral das Associações da Juventude Católica Alemã.

Este texto é destacado por João de Almeida num artigo da sua autoria, publicado em Dezembro de 1954, no nº 120 (Ano XII), da revista *Novellae Olivarum*, denominado “*Documentário eclesialístico sobre a construção de igrejas*”, onde se descobre a sua adesão ao mesmo – “*Concretas, precisas, refletindo já as mais recentes conquistas do movimento litúrgico, constituem estas directivas documento decisivo para a orientação da nova architectura religiosa*”.

No mesmo artigo, João de Almeida não esconde a sua admiração pelo trabalho que se estava a realizar naquele país – “*A Alemanha do após-guerra dá-nos o exemplo, cremos que único nos nossos dias, de architectos cristãos trabalhando em estreita união com os liturgistas, encorajados e orientados pelos Bispos. Por isso ali se encontra em florescimento uma architectura verdadeiramente apta a traduzir as exigências litúrgicas e pastorais do Povo de Deus*”.

Percebe-se, então, que o projecto de Moscavide tenha, em dado momento, mudado de fonte, no que respeita às questões litúrgicas, para se aproximar das inovadoras propostas alemãs. E, de facto, reconhecem-se na igreja de Santo António vários dos pontos que constituem as “Directrizes”:

“5. Seria um erro, no estudo do plano do espaço interior, partir do culto da Presença Eucarística de Cristo – como por vezes tem sucedido – e não do Sacrifício Eucarístico. (...)”

6. (...) O ideal seria, por conseguinte, uma igreja que satisfizesse plenamente estas exigências da Liturgia Romana – orientação do espaço para o altar, nítido face a face do Sacerdote e da Assembleia, possibilidade de ordenada evolução das procissões por ambos os lados – sem no entanto introduzir distância excessivamente grande entre o espaço do altar e os extremos mais afastados do espaço da comunidade.

7. Numa igreja modelo, o altar – pela sua posição isolada e medianamente elevada, pela possibilidade de circular em seu redor, (...), pelo hábil encami-

nhamento das linhas de perspectiva do espaço, (...) e talvez também por um baldaquino – revela-se claramente como o coração de todo o edifício”.

Esta é também a descrição da organização do espaço litúrgico da igreja de S. Lourenço, em Munique, dos arquitectos Emil Steffann e Siegfried Östreicher. Inaugurada em 27 de Novembro de 1955, com um projecto acompanhado de perto pelo padre oratoriano Heinrich Kahlefeld e também por Romano Guardini, é considerada a que melhor retrata o espírito do Movimento Litúrgico.

Comparadas as plantas de Munique e Moscavide, é indiscutível a sua familiaridade: espaço litúrgico desenvolvido em função da valorização do altar, quer através do seu assumido afastar da parede de fundo - este avanço do altar levou mesmo a que o Cardeal Cerejeira perguntasse, em 1956, aos autores se o avanço do altar era para celebrações *versus populum*... – quer pela disposição da assembleia em três braços dispostos segundo um T, que não só reforça geometricamente a centralidade do altar, como desperta activamente a consciência dos fiéis para a sua dimensão comunitária.

A igreja de São Lourenço marcou a abertura de um dos caminhos mais percorridos, na Alemanha, até aos dias de hoje. O modelo litúrgico em T, pelas suas várias e importantes virtudes litúrgicas e pastorais, foi rapidamente integrado na vida cristã de um dos povos mais maduros teológica e eclesiologicamente.

A cidade de Munique confirma-nos essa utilização preferencial e recorrente do modelo comunitário organizado em T, multiplicando-se os exemplos, recentes e antigos, de igrejas que o adoptaram: São João de Capristano (1960), São Maurício (1967), São João Evangelista (1968), São Cristovão (1971), São Mateus (1972), São Florian (2004) ou São Nicolau de Myra (2009).

Mas em Portugal, este caminho não foi percorrido, e a igreja de São Lourenço permaneceu esquecida, porque arquitectonicamente não era uma igreja moderna, e era essa a luta central que por cá se travava.

A igreja de S. Lourenço, que é hoje um clássico da arquitectura do Movimento Litúrgico, retomou o arquétipo da basílica ocidental, segundo um desenho muito distante do formalismo funcional e moderno de Santo António de Moscavide. O arquitecto Emil Steffann apostou num neo-vernáculo formalmente austero e de grande discrição, contendo numa

simplicidade franciscana as formas arquitectónicas e decorativas, em favor da concentração na acção litúrgica.

É de Emil Steffann e de São Lourenço que parece falar João de Almeida, no seu artigo “*Documentário...*” – “*há [arquitectos na Alemanha] que concebem o templo como expressão das realidades litúrgicas e pastorais e que tomam parte activa nos estudos tendentes a fixar a influência mútua das duas esferas. As suas realizações são, por isso mesmo, notáveis sob este aspecto. Porém, na grande maioria, a qualidade reside mais no valor litúrgico da planta do que na perfeição do conjunto como obra de arquitectura*”.

A sua preferência recai sobre o arquitecto Rudolf Schwarz, teórico da nova arquitectura cristã e autor de cerca de 80 igrejas na Alemanha pós-guerra, que apesar de ter presente a necessidade de se facilitar a participação dos fiéis, mostrou-se sempre mais interessado em criar formas monumentais simples, mas expressivas na aplicação dos materiais e no trabalho simbólico da luz, adequadas à exaltação do mistério sagrado e da presença de Deus.

É, de facto, Rudolf Schwarz, “*de Colónia, cuja obra, tanto religiosa como profana é das de maior vulto no panorama da arquitectura contemporânea*”, que João de Almeida põe em relevo no seu texto, tal como Avelino Rodrigues, no artigo “*A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero*”, publicado no nº 154 (Ano XV), de Julho de 1958, da revista *Novellae Olivarum* – “*Rudolf Schwarz, sem dúvida o maior arquitecto alemão da actualidade*”, elogio que repete o por si realizado quatro meses antes, na revista *Lumen* (vol. XXI, fasc. IV), no artigo “*Como julgar as igrejas modernas*” – “*Na Alemanha, Rudolf Schwarz, sem dúvida o maior arquitecto alemão, cria um novo espaço litúrgico muito mais rico, mais denso, mais cheio de mistério*”.

E foi o caminho do mistério sagrado e presença de Deus traduzida com intensidade pela expressão arquitectónica que os portugueses escolheram percorrer, o caminho do Templo, abandonando – salvo excepções – o pastoral e eclesiologicamente mais rico e mais participado, caminho da *Ecclesia*.

No artigo “*Como julgar...*” está proferida a sentença – “*Em Portugal, além de outras, podemos distinguir os belos espaços litúrgicos de «Santo António» de Moscavide, e da igreja de Águas (Penamacor-Guarda). A primeira é formada por um corpo rectangular que, à frente, se alarga para os lados, envolvendo numa generosa disposição comunitária um santuário muito bem hierarquizado. A segunda tem um plano trapezóide, com o santuário na base menor e parece mais adaptado ao ambiente português*”.

Esta preferência pelo modelo litúrgico do tipo processional confirma-se no citado artigo “*A construção de igrejas modernas...*” de Avelino Rodrigues. Das quatro igrejas consideradas exemplares que apresenta para ilustrar o seu texto – *Todos os Santos*, na Basileia e *Santa Maria*, em Olten, ambas de Hermann Baur, *S. Félix e Régula*, em Zurique, de Fritz Metzger, e *S. Maria Rainha*, em Colónia, de Rudolf Schwarz – nenhuma possui uma organização do espaço litúrgico como São Lourenço, em Munique, ou Santo António, em Moscavide. Em todas, a assembleia distribui-se segundo o modelo processional, que se considerava, assim, o “*mais adaptado ao ambiente português*”.

Alguns anos mais tarde, experimentou-se, em Portugal, trilhar por outros caminhos, primeiro o que explorava o modelo litúrgico em leque, muito por influência do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, depois o das capelas-salão, através do SNIP – Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa.

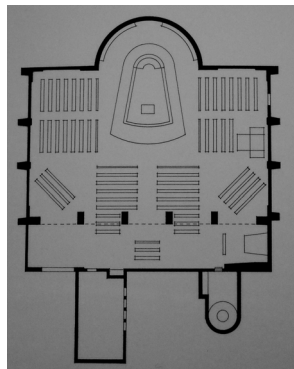
Mas a outros caminhos, outras histórias!

Notas:

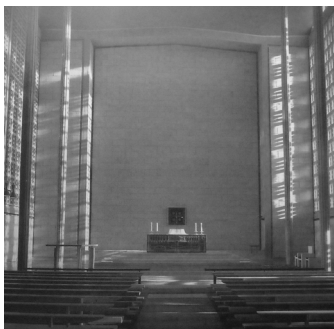
A notícia – elaborado com base nos artigos dedicados à inauguração da igreja de Santo António de Moscavide, dos seguintes jornais: Diário de Notícias (8 e 10/12/1956), Novidades (8/12/1956), Diário Popular (9/12/1956) e O Século (10/12/1956)

...e justificada – elaborado a partir dos seguintes textos da autoria dos projectistas: Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial de Santo António de Moscavide; “*O que diz o arquitecto*” in “*Ecos de Moscavide*”, n.º 10, Ano II, 30 de Novembro de 1956; “*Notas sobre a igreja paroquial de Moscavide*” in Boletim do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, n.º 2, 1ª Série, Maio de 1957.

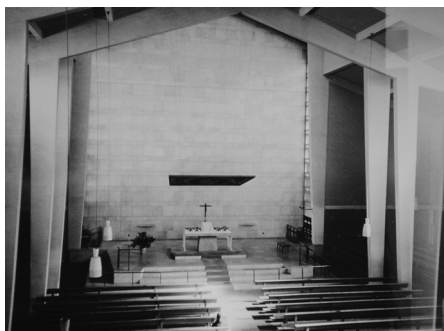
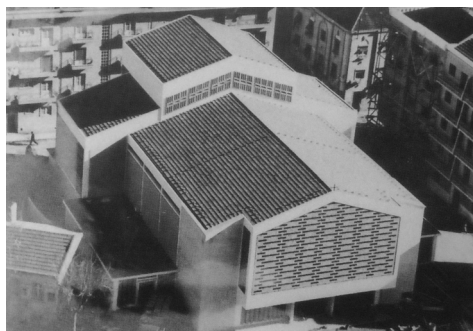
1 e 2



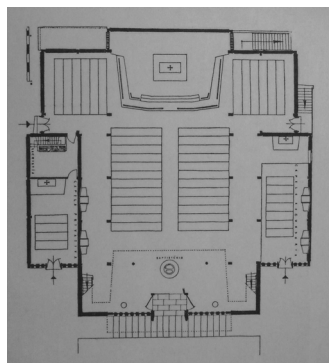
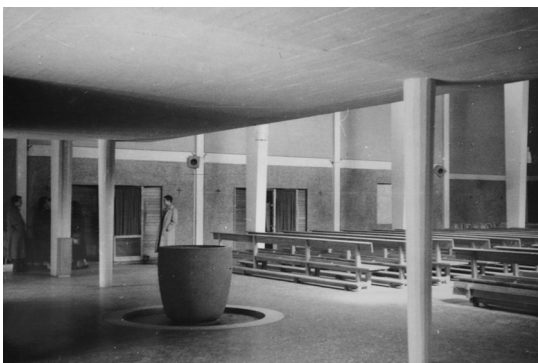
3 e 4



5 e 6



7 e 8



LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS:

- 1: Igreja de São Lourenço. Munique. Vista exterior.
- 2: Igreja de São Lourenço. Munique. Planta.
- 3: Igreja de Todos os Santos. Basileia. Vista interior..
- 4: Igreja de Todos os Santos. Basileia. Altar e baldaquino.
- 5: Igreja de Santo António. Moscavide. Vista exterior.
- 6: Igreja de Santo António. Moscavide. Vista interior.
- 7: Igreja de Santo António. Moscavide. Baptistério.
- 8: Igreja de Santo António. Moscavide. Planta.